

De Odessa a São Paulo: uma vida traduzida

Saul Kirschbaum* entrevista Boris Schnaiderman**

Saul Kirschbaum: Professor Boris Schnaiderman, gostaria de começar nossa entrevista ouvindo-o sobre sua infância na cidade de Odessa. Li, recentemente, em entrevista, que o senhor nasceu em um lar assimilado, ou seja, que não seguia, rigorosamente, os preceitos religiosos, onde só se falava russo. Então, eu pergunto: seus avós também eram assimilados?

Boris Schnaiderman: Não. Minha avó paterna, que durante algum tempo residiu conosco, era muito religiosa. Muito cuidadosa com as práticas judaicas e muito religiosa. Então, havia assim um contraste em casa. Nós éramos completamente assimilados, não sabíamos nada de judaísmo, e minha avó era seguidora fiel da tradição. Toda sexta-feira ela acendia as velas do Shabat, ficava dando voltas em torno delas e falando uma língua que eu não entendia (hebraico ou ídiche). Minha avó era como que um corpo estranho em casa. Na época do jejum (Iom Kipur), jejuava-se em casa por respeito a minha avó, mas, segundo a concepção dos meus pais, na época, uma criança não poderia ficar sem vitaminas e proteínas, então, eles me levavam para comer fora. Eu lembro, também, que uma vez, meus pais e eu esperamos minha avó na saída da sinagoga, e eu não entendia absolutamente nada do que era aquilo, ninguém me disse nada sobre aquilo.

SK: Essas são as lembranças pessoais mais antigas do judaísmo de sua família?

BS: Sim, apesar de ser circuncidado. Então, quer dizer, havia qualquer coisa assim de tradição, de tradição religiosa, porque me fizeram a circuncisão, mas, por exemplo, o Bar Mitzvá eu não fiz. Quando eu completei 13 anos eles me fizeram uma festa, convidaram uma porção de crianças, judias e não judias. Foi uma festa e mais nada, não havia nada que fizesse uma referência especial ao judaísmo.

SK: E quanto aos avós maternos?

BS: Os meus avós maternos eu não conheci porque eles moravam longe, em outra cidade.

SK: Havia alguma pressão por um retorno ao judaísmo, uma prática do judaísmo, por parte de sua avó?

BS: Não, minha avó não interferia em nada quanto a isso. Não havia nada da parte dela. Ela era como um corpo estranho. Nós viemos para o Brasil, mas ela ficou em Odessa, não sei dizer por que, ela ficou lá. Poucos meses depois de nossa chegada ao Brasil, soubemos do seu falecimento. Meus pais ficaram muito transtornados, chorando, eu era criança ainda, ela era uma pessoa distante para mim, não tive quase nenhum convívio com ela.

SK: Seus amigos de infância eram russos, de religião cristã, ou eram judeus?

BS: Eram basicamente russos, se havia algum judeu era um judeu tão assimilado que nem se percebia. Meus amigos eram todos russos. Foi uma infância bastante estranha em Odessa, que é uma cidade de tamanho considerável, hoje em dia, possui mais ou menos uns 200 mil habitantes, alguma coisa assim. Mas não havia movimento nenhum de carros porque não havia automóveis, não havia gasolina. Então eu andava por toda a cidade. As crianças ficavam soltas, quer dizer, não havia a preocupação que há hoje em dia de a criança não se afastar do adulto e de ser tudo controlado. Meus pais me deixavam solto, eu andava pela cidade toda, tinha amigos com os quais eu percorria a cidade. Eu gostava de andar. Até hoje conheço bem a cidade. Saí de lá com oito anos, mas lembro bem a cidade.

SK: A população judaica de Odessa era bastante significativa...

BS: Sim, claro, bem grande. Houve tempo, em que havia mais de trinta por cento, segundo algumas fontes, era quase cinquenta por cento da população. Muitos deles completamente assimilados. Havia os judeus que conservavam a tradição e havia os judeus assimilados. Meus pais eram assim

completamente assimilados. Quer dizer, eu não tive formação judaica nenhuma. O sentimento de pertencer a uma comunidade judaica eu tive muito mais tarde e por minha conta.

SK: Já no Brasil?

BS: Já no Brasil, bem mais tarde. Inclusive eu fui parar na guerra por causa disso, por causa da revolta que eu tinha pela situação do nazismo. Eu fui parar na guerra por causa disso...

SK: Em relação aos seus amigos de infância russos, havia algum estranhamento pelo fato de o senhor ser judeu?

BS: Não, nada. Não senti absolutamente nada. Não senti discriminação nenhuma. Bom, é preciso que se diga que nos primeiros tempos após a Revolução, realmente, não se sentia antisemitismo. Foi só mais tarde que surgiu e se passou a sentir...

SK: Começa com Stálin...

BS: É, é... Nos primeiros tempos não...

SK: Muito pelo contrário... Havia uma vontade, me parece, de nivelar os judeus com outros cidadãos, de outras religiões e nacionalidades.

BS: É verdade...

SK: O senhor freqüentou escola judaica?

BS: Não, uma escola pública, normalmente.

SK: Nessa escola, com seus colegas, havia algum estranhamento, alguma discriminação?

BS: Não, não sentia absolutamente nada. Vivíamos como se não houvesse diferença nenhuma. Inclusive, vou recordar um fato... eu me lembro de que quando era início da páscoa, da páscoa cristã, e havia o Domingo de Ramos, as crianças iam correndo pelas ruas a catar os ramos, ficavam apanhando plantinhas para pregar nas portas das casas e eu com elas. Eu corria com elas, a apanhar as plantinhas porque era Domingo de Ramos.

SK: Quer dizer, que apesar do regime soviético, havia um ambiente cristão e até favorável, de certa forma, nesse período, como no Brasil, não é? E o senhor aprendeu hebraico ou iídiche em casa, na infância?

BS: Não... somente russo. Só russo.

SK: Em relação a sua atividade profissional no Brasil, eu soube que o senhor se formou em Agronomia...

BS: É verdade, eu me formei em Agronomia e trabalhei nessa área durante alguns anos. Fui agrônomo do Ministério da Agricultura. Exerci um cargo na cidade de Barbacena, em Minas Gerais, durante cinco anos. Fiz carreira em Minas quando comecei a trabalhar no Ministério da Agricultura. Mas eu disse que queria estudar Literatura. O que eu queria era fazer Literatura. Eu me formei como agrônomo por insistência de meus pais. Meu pai passou por grandes dificuldades financeiras. Ele fazia questão que me formasse. Eu disse que queria fazer Literatura. Mas aí minha mãe veio com uma conversa, com uma argumentação de que "Ah, literatura a gente faz nas horas vagas". Nas horas vagas, sábado e domingo, de noite. Isso não era ocupação para um homem. Assim com a responsabilidade de família era preciso ter uma profissão. E, assim, fizeram questão de que eu tivesse uma profissão digna, "considerada digna", porque as profissões dignas eram a de médico, advogado e engenheiro. Fora disso não se reconhecia nada. Faculdade de Filosofia não era profissão.

SK: O senhor declarou em uma entrevista que depois de ler *Os irmãos Karamázov*, a pessoa não é mais a mesma.

BS: Sim, é isso mesmo.

SK: Como e a partir de quando a literatura passou a influenciar a sua maneira de ver o mundo?

BS: Acho que desde muito cedo. Quando eu tinha 14 ou 15 anos, eu tinha lido pouca literatura russa, mas aí fiquei lendo literatura brasileira e literatura traduzida. Desde sempre eu fui muito marcado pela literatura... A literatura russa quando criança eu conhecia pouco, mas conheci assim, mais a fundo, três autores russos. Três autores russos de quem meus pais tinham importados livros. Puskhin, Lérmonov, Gogol, marcaram minha infância e minha juventude. Outros autores eu fui conhecer mais tarde, bem mais tarde.

SK: Já com outra visão de mundo...

BS: Sim, esses três. Aos 14-15 anos eu li muita literatura brasileira. Até essa idade, eu estava muito marcado pela minha formação russa, eu tinha muita saudade da Rússia. Era uma coisa dolorosa até... essa interrupção... essa ruptura... assim, de repente me separar do mundo russo foi doloroso. Eu sentia muita falta, então eu sempre ficava lendo em russo. Meus pais tinham uma pequena biblioteca. Eles eram muito ligados a pessoas que tinham residido em Riga, na Letônia. Depois da Revolução de 1917, muitos russos, judeus russos, fixaram-se em Riga, havia grandes centros culturais lá, inclusive editavam livros. Meus pais importavam livros de Riga. Quer dizer, eles tinham a preocupação de ler, ficavam lendo em russo.

SK: Quer dizer, eles também liam bastante?

BS: Liam bastante. Mas eles liam mais literatura do dia.

SK: Emmanuel Lévinas disse certa vez que a literatura abre o acesso ao fundo obscuro da existência. Como que o senhor vê essa afirmação?

BS: Bom, eu acho que ele está correto, não há dúvida. É claro que ele tem toda a razão. Para uma criança, por exemplo, é difícil entender certas coisas, porque ainda não conhece a vida. Eu lia em Lérmonov, por exemplo, em Gogol, coisas que são assim do âmbito dos adultos. Mas eu acabava procurando entender aquilo...

SK: Quando e por que o senhor passou a considerar a possibilidade de adotar a literatura, o ensino, a tradução, como meio de sustento?

BS: Bom, eu sempre procurei me ocupar de literatura, sempre. Quando era engenheiro agrônomo, também me preocupava muito com literatura. Lia muito. A minha visada era assim de quem queria literatura... Então, assim, sempre... Quer dizer, desde quando eu me conheço como gente, eu sou muito ligado à literatura, desde, como já disse, dos 14-15 anos. De início, a literatura russa, eu conheci uma parte mínima. Só mais tarde é que eu fui conhecer mais profundamente, de modo mais abrangente.

SK: E quando que o senhor começou a viver de literatura?

BS: Bom, é muito difícil de dizer, porque eu nem sei se eu cheguei a viver de literatura. Quando comecei a lecionar russo na USP, eu ensinava mais língua do que literatura. Eu partia do princípio de que é preciso aprender a língua, que não adianta ficar dando literatura traduzida para o português. Então, eu ensinei muito a língua russa... Não posso dizer que eu tivesse passado a viver de literatura. Eu passei a viver de língua e literatura. Língua, literatura e didática. Foi muito difícil no início: eu não tinha experiência nenhuma como professor, eu não tinha formação de professor de línguas, mas tive que ensinar língua. Eu achava, era minha convicção, que eu tinha que ensinar língua mesmo, que literatura era para depois que os alunos aprendessem a língua. Então, ensinava mais língua, desde o início ensinei russo. Eu tinha que improvisar muito como professor de língua, eu não tinha um desembaraço didático nenhum... Lembro-me de que nesta fase, eu era bastante ligado ao Paulo Rónai e eu fui conversar com ele, fui pedir conselhos. Então ele me disse: "Ah, você faz muito mal. Você

deve ensinar mesmo em português. Fazer os alunos lerem no original não vai dar certo. Eles não lerão literatura nunca...". Então eu balancei um pouco, ora dava literatura em russo, ora em português mesmo...

SK: O senhor teve contato com os escritores judeus russos, que no final do século XIX, começo do século XX, escreveram em hebraico e em ídiche?

BS: Eu só os conheci traduzidos. Eu me lembro, de que desde muito cedo eu li obras traduzidas. Eu lia bastante obras traduzidas do ídiche. E toda aquela literatura do *shtetl*, eu era muito ligada a ela. Quer dizer, eu gostava muito, mas sempre em tradução.

SK: O senhor nunca estudou nem ídiche nem hebraico?

BS: Não, nunca fiz nem ídiche nem hebraico. Tenho um grande amigo que é especialista em literatura ídiche...

SK: Jacó Guinsburg?

BS: Sim, meu amigo Jacó Guinsburg.

SK: Sobre a sua participação na Guerra, na Força Expedicionária Brasileira, de 1944-1945, e sobre o seu livro que eu adorei ler, *Guerra em Surdina*, de 1964. Nesse livro, o senhor menciona campos de concentração nazista, mas não faz diferenciação entre os campos de trabalho e de morte. A chamada "Solução Final" já havia sido colocada em marcha desde 1942...

BS: Eu não me ocupei disso no livro, porque é outra problemática. Aliás, esse é um tema sobre o qual eu preciso me ocupar. Embora eu esteja com 92 anos, mas eu ainda pretendo voltar a isso. É um tema que me preocupa mesmo. Eu tive contato com judeus na Itália. Conversei com judeus na Itália e eles me contaram sobre as coisas terríveis que eles haviam passado. Esse é um tema que me toca muito de perto. Eu fui parar na FEB, em grande parte, por causa disso, porque eu não fui voluntário. Se eu me alistasse como voluntário, seria um Deus nos acuda em casa. Meus pais iam procurar alguém para me tirar disso e me fariam desistir. Então eu usei deste expediente, em vez de me alistar como voluntário, eu fiz o seguinte: havia, fundamentalmente, duas modalidades de serviço militar, podia-se fazer o serviço militar no exército ou o que se chamava linha de tiro, que era um serviço considerado mais brando. A pessoa não se desligava das suas atividades – estudante, funcionário, empregado – e fazia um tipo de preparo militar mais brando. O que eu podia fazer era linha de tiro, meus pais não sabiam dessa diferença, mas em vez de fazer linha de tiro eu me alistei no exército. Eu morava em Copacabana e ia para depois de Cascadura, no Rio de Janeiro, em Campina. Durante alguns meses eu prestei serviço militar lá. Fiz o Curso de Sargento, porque eu queria ir para a guerra. Engenheiro agrônomo, alistado no exército em vez de linha de tiro, e ainda com curso de sargento... Claro que eles iam me convocar, eu tinha certeza que seria convocado. E fui. Fui convocado nas vésperas do embarque.

SK: Na FEB, ou seja, no Exército Brasileiro na Itália, o que o senhor soube das atrocidades nazistas?

BS: De modo geral, na FEB, acontecia o seguinte: a grande maioria, a maioria absoluta dos soldados, era de gente do povo, de formação muito precária, gente pouco alfabetizada. Havia alguns intelectuais, mas nós éramos minoria. Então, os soldados não sabiam de nada, os mais intelectualizados tinham uma vaga idéia. Na verdade, quem quisesse se informar, tinha condição de saber. Tanto é, que eu sabia. Quando eu fui para a guerra eu estava sabendo dos campos de concentração, dos campos de extermínio. Não com os detalhes que se conhece hoje. Não sabia o grau daquela tragédia, não sabia as dimensões que a tragédia havia tomado, mas se sabia-se dos campos de extermínio. Na imprensa isso aparecia de modo muito vago, mas aparecia.

SK: O fato de ser judeu afetou de alguma forma a sua vontade de participar da guerra?

BS: Nessa época, eu senti muito minha condição de judeu. Quer dizer, eu não tinha nenhuma formação judaica, mas senti a condição de judeu nessa época. Senti muito.

SK: Então, de alguma forma, aos 27 anos, quando o senhor vai lutar na Europa, houve certa reaproximação com o judaísmo?

BS: Não há dúvida.

SK: Como é que se dá isso?

BS: É uma reaproximação, mas... Acontece o seguinte: os meus pais se mantinham afastados de tudo, principalmente dos sionistas. E não me inculcaram valores judaicos eu é que sozinho fui adquirindo esses valores. Eles não inculcaram em mim valores de espécie nenhuma, mas as pessoas não vivem sem valores. Então, eu mesmo fui procurar esses valores.

SK: Nessa busca de valores, de alguma forma, o senhor tocou no judaísmo?

BS: Eu senti muito intensamente a problemática judaica naquele contexto. Eu me lembro de quando houve o Pacto Germânico-Soviético, eu fiquei completamente transtornado. Eu tinha minhas simpatias pela União Soviética... Desconfiava em relação às violências, mas tinha minhas simpatias. Quando houve o Pacto, eu tive ódio, fiquei com raiva, porque eu sabia que não daria certo, que havia ali um embuste.

SK: O senhor tinha consciência de que se por acaso caísse prisioneiro dos alemães, iria sofrer um tratamento diferenciado pelo fato de ser judeu?

BS: Sim, sem dúvida. Isso a gente sabia, claro, era uma coisa evidente. Quanto ao cúmulo das atrocidades nazistas, alguma coisa se sabia, mesmo antes de começar a guerra já se sabia. Antes de começar a guerra, não tinha assumido aquele caráter de extermínio total... Mas se sabia.

SK: Professor Boris, agradeço a gentileza de me receber em sua casa e de me conceder esta entrevista.

Transcrição: Késia Rodrigues de Oliveira***

* **Saul Kirschbaum** é Doutor em Letras pela USP, ensaísta e pesquisador junto a Capes (PRODOC). Organizou, em 2007, *Dez ensaios sobre Samuel Rawet* e, em 2008, publicou *A presença judaica na Idade Média Ibérica: a poesia laica e o idioma hebraico*.

** **Boris Schnaiderman** é professor ensaísta e escritor. Traduziu Dostoievski, Tchekhov, Tolstói, Gorki, Pushkin, Maiakovski, entre outros. Nasceu em Úman, na Ucrânia, em 1917, e depois foi, com a família, residir em Odessa, onde presenciou as filmagens da clássica cena da escadaria, do filme *O encouraçado Potemkin*, de Eisenstein. Aos oito anos veio com os pais para o Brasil e, em 1941, naturalizou-se brasileiro. Lutou na Segunda Guerra Mundial, na Força Expedicionária Brasileira, FEB, experiência que lhe rendeu o romance *Guerra em surdina*, publicado em 1964. Começou a traduzir autores russos em 1944 e a colaborar na imprensa brasileira a partir de 1957. Agrônomo e, apesar de não ter estudado Letras, foi escolhido para iniciar o curso de Língua e Literatura Russa da Universidade de São Paulo, em 1960. Devido ao modo como a cultura russa era vista no período da ditadura militar no Brasil, e a suas posições frente à repressão, além de ter passaporte soviético, foi preso em sala de aula. Escreveu importantes ensaios como *Dostoiévski prosa poesia* (Perspectiva, 1982) e *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin* (Livraria Duas Cidades, 1983). Recebeu o prêmio Jabuti pela tradução da obra de Pushkin *A dama de espadas* (Editora 34, 1999), que realizou em parceria com Nelson Ascher. Em 2007, foi agraciado pelo governo da Rússia com a Medalha Pushkin, em reconhecimento por sua contribuição na divulgação da cultura russa no exterior.

*** **Késia Rodrigues de Oliveira** é Graduanda em Letras, pesquisadora de Iniciação Científica (CNPq) do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.